



A criatividade à luz da psicanálise: contribuições da obra de Donald W. Winnicott para aulas de música

Creativity in the light of psychoanalysis: contributions of Donald W. Winnicott's work to music classes

Rodrigo Kelton Mendes, Marcelo de Magalhães Cunha
rodrigokelton@hotmail.com

¹Professor de música e artes da Escola Municipal Coronel Joaquim Antônio da Rocha, Contagem, Brasil;
Professor de música e artes do SESI (Serviço Social da Indústria), Belo Horizonte, Brasil.

²Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, Brasil.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo a investigação da criatividade infantil em alguns textos de Donald Winnicott, procurando incorporar sua teoria e sua prática clínica à psicanálise e à educação musical. A tentativa é analisar como a experiência com a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação podem ganhar destaque no desenvolvimento criativo e saudável da criança, ressignificando os espaços dentro e fora da escola no âmbito da educação musical. Com base na natureza do brincar e do gesto criativo, este trabalho busca descrever uma perspectiva de compreensão da psique, sob o ponto de vista da psicanálise, articulando-a com

o desenvolvimento da criação musical, sobretudo na relação entre a criança e a apreciação criativa.

Palavras-chave: Educação musical, Psicanálise, Criatividade, Brincadeira.

Abstract

The present study aims to investigate children's creativity in some texts by Donald Winnicott, seeking to incorporate his theory and clinical practice into psychoanalysis and music education. The attempt is to analyze how the experience with playfulness, the perception, the expressiveness and the imagination can gain prominence in the creative and healthy development of the child, redefining spaces inside and outside of the school within the scope of musical education. Based on the nature of play and creative gesture, this work seeks to describe a perspective of understanding the psyche, from the point of view of psychoanalysis, articulating it with the development of musical creation, especially in the relationship between the child and creative appreciation.

Keywords: Musical education, Psychoanalysis, Creativity, Play.

1. Introdução

Ser professor no século XXI é um grande desafio. Vivencia-se uma realidade com a presente potência das tecnologias digitais, do encurtamento de distâncias, da globalização e de um mundo cada vez mais conectado. Nessa perspectiva, a oferta educacional deve se adequar aos novos modelos pedagógicos e atuais processos de ensino e aprendizagem, com vistas à inclusão efetiva dos alunos nas inovações tecnológicas e na exigência de um novo cenário econômico, político, social e de toda e qualquer atividade humana. A arte, como também área de conhecimento, assume uma importância significativa no âmbito do potencial humano, trazendo consigo profundas transformações no indivíduo e, conseqüentemente, novos estímulos, reflexões, caminhos e desafios.

É nesse contexto que se insere esse artigo, cuja ênfase está no processo de formação, mediação e recepção no ensino de arte na educação básica. As razões que levaram à escolha desse tema baseiam-se na importância do ensino e aprendizado da arte e, em específico a música, em como pensar as propostas metodológicas a partir de um contexto de inovação tecnológica e da implementação de um novo documento normativo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em dezembro de 2017 pelo então Ministro da Educação do Brasil, Mendonça Filho. Assim diz o documento:

“A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à

formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)”. (BRASIL: 2017, 7)

Com o processo de implementação de novos currículos, a partir da homologação da BNCC, os currículos dos sistemas e redes de ensino no Brasil, assim como as propostas pedagógicas das escolas de todo o país, passaram a vigorar com várias alterações. Nessa perspectiva, o documento amplia as possibilidades de experiências com a arte, propondo a articulação de seis dimensões do conhecimento que, de forma indissociável e simultânea, caracterizam a singularidade da experiência artística: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. Tais dimensões perpassam os conhecimentos das Artes Visuais, da Dança, da Música e do Teatro e ainda das aprendizagens dos alunos em cada contexto social e cultural (Brasil, 2017).

Uma vez que os conhecimentos e as experiências artísticas são constituídas por materialidade verbais e não verbais, sensíveis, corporais, visuais, plásticas e sonoras é importante levar em consideração sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva. A partir da experiência pessoal, desenvolvida como professor de arte em instituições de educação básica verifica-se que, apesar da presença das diferentes linguagens artísticas e todas as dimensões do conhecimento, existem dificuldades na compreensão e no desenvolvimento da criação musical, sobretudo na relação entre a criança e a apreciação criativa.

Essa afirmação se baseia, em parte, na experiência profissional como professor de artes em instituições de ensino básico. Ao longo desse percurso foi possível identificar algumas diferenças nas práticas de ensino que desenvolvem a criatividade infantil, principalmente entre a música e as artes visuais. Nessas diferentes linguagens artísticas a criação é evidenciada de maneira distinta, muito embora os pontos de vista a respeito do que é apropriado ou não em termos de competências e formação de habilidades criativas não difiram tanto. Nas artes visuais é permitido que a criança utilize um “espaço em branco” para experimentar, ou seja, uma folha, uma tela ou qualquer outra superfície onde o fazer artístico é livre. No entanto, a educação musical ainda decorre de antigos hábitos, valores e condutas, que ocupam os espaços de ensino e aprendizagem, muitas vezes reconhecendo apenas a execução e interpretação de obras já criadas e consagradas, sobretudo no âmbito da chamada música clássico ou erudita.

Dessa forma, este trabalho tem o intuito de investigar a criatividade infantil na obra do pediatra e psicanalista inglês Donald W. Winnicott (1896–1971), incorporando sua teoria e prática clínica à psicanálise e ao ensino da música, analisando como a experiência com o brincar pode ganhar destaque no desenvolvimento criativo, contribuindo com a imaginação e expressividade da criança, podendo ressignificar também o espaço preparado para aulas de música. Nessa perspectiva, o artigo visa contribuir com o entendimento da criação no processo de aprendizagem musical, abrindo um possível caminho para a compreensão dos processos de ensino e

aprendizado da música para crianças.

2. Objetos e fenômenos transicionais

Em primeiro lugar, antes da procura sobre a criatividade no ensino da música para crianças, é necessário expor as hipóteses básicas sobre “objetos transicionais e fenômenos transicionais”, que nascem da análise e do desenvolvimento do princípio e da prática clínica de Donald W. Winnicott. Esses conceitos estão entre as contribuições mais importantes do autor para a clínica psicanalítica e a formulação da sua teoria. Vistas à luz das observações clínicas diretas de bebês e relatos de crianças a respeito dos objetos que elas consideram importantes, o psicanalista contou também com as descrições das experiências com os filhos, feitas pelos pais.

Antes de analisar a teoria de Winnicott, referencial teórico deste artigo, é preciso antes salientar uma pequena reflexão sobre o pensamento da psicanalista austríaca Melanie Klein (1882–1960), uma das maiores influenciadoras do psicanalista inglês no que tange as relações com os “objetos transicionais”. De acordo com Klein, “todos os aspectos da vida mental estão intimamente ligados a relações de objeto” (1955/1991, p. 167). Após o nascimento, a primeira experiência de alimentação daria início à relação psíquica, ou seja, intersubjetiva, entre o bebê e a mãe, ou primeira cuidadora. Nesse sentido, aparece primeiramente, como um objeto parcial, um seio que satisfaz o bebê em decorrência dos mecanismos de introjeção e projeção, encarregando-se da correlação entre situações externas e internas, desde o início da vida. Assim explica M. Klein, o que ficou conhecido como o “seio bom e o seio mau”:

“Tenho expressado com frequência minha concepção de que as relações de objeto existem desde o início da vida, sendo o primeiro objeto o seio da mãe, o qual, para a criança, fica cindido em um seio bom (gratificador) e um seio mau (frustrador); essa cisão resulta numa separação entre o amor e o ódio. Sugeri ainda que a relação com o primeiro objeto implica sua introjeção e projeção e, por isso, desde o início as relações de objeto são moldadas por uma interação entre introjeção e projeção, e entre objetos e situações internas e externas.” (KLEIN: 1955/1991, 21)

Winnicott (2019), por sua vez, conceitua as relações com os objetos de uma ocorrência mais intrincada, com dois conjuntos de fenômenos que se correlacionam e são separados por um intervalo de tempo. O primeiro, logo após o nascimento, quando os bebês tendem a satisfazer instintos utilizando o punho e os dedos para estimular a zona erógena oral; e o segundo após alguns meses, quando os bebês de ambos os sexos passam a gostar de brincar com algum objeto especial, como bonecas, panos, ursinhos, etc.

De acordo com o psicanalista, pode haver uma “ampla variação na sequência de eventos que se iniciam com a atividade do recém-nascido de levar o punho a boca e que acaba resultando no apego a um ursinho, uma boneca ou um brinquedo”

(Winnicott, 1975/2019, p. 14). Assim, os termos winnicottianos “objetos transicionais” e “fenômenos transicionais” são utilizados para designar a área intermediária da experiência entre o polegar e o brinquedo, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre o que já foi introjetado e a atividade criativa primária, que seria a projeção do que foi introjetado. Desta forma relata Winnicott:

“Muitas outras coisas igualmente importantes podem ser estudadas, entre as quais: a natureza do objeto; a capacidade do bebê de reconhecer o objeto como “não eu”; o local do objeto – fora, dentro, no limite; a capacidade do bebê de criar, imaginar, inventar, produzir um objeto; o início de um tipo afetivo de relação de objeto.” (WINNICOTT: 1975/2019, 14)

A partir disso, é possível inferir, que o interesse de estudo de Winnicott é na primeira posse da criança, assim como na área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido, conectando essas experiências funcionais – fenômenos transicionais – com o pensamento, cognição e a fantasia. Nesse ponto, o tema se amplia com o domínio da ilusão, desenvolvendo a capacidade da criança, já não mais bebê, em estabelecer uma relação com a realidade externa, ou mesmo formar uma concepção sobre ela, incluindo “o jogo, a capacidade da criação e apreciação artística, o sentimento religioso, o sonho, o fetichismo, a mentira e o roubo” (Winnicott: 1975/2019, p. 20). Assim, ao longo da vida, essa área entre o subjetivo e objetivo seria mantida nas experiências intensas ligadas à arte, à religião, à vida imaginativa e ao trabalho científico criativo.

3. O brincar e a atividade criativa

A partir da observação dos fenômenos transicionais, Winnicott aborda o significado do brincar como um “fazer”, constituindo uma terceira área da experiência, porém, diferente da que ocorre na relação com o mundo interno e externo. Justamente essa atividade impulsionaria o ser humano para a vida cultural e, no que se refere à saúde psíquica, caracteriza-se como fundamento da amizade, da arte, do trabalho e mesmo do amor: ao brincar, o ser humano produz e encontra a si mesmo, o outro e o mundo em que vive.

Segundo o psicanalista (Winnicott: 1975/2019, p. 72), o brincar é natural e aparece “nos desenvolvimentos mais sutis, desde o uso inicial de um objeto, ou uma técnica transicional, até os estágios máximos da habilidade humana de criar experiências culturais”. Para dar um lugar ao brincar, o psicanalista inglês postula um “espaço potencial” entre o bebê e a mãe, de modo que ela possa se adaptar à fantasia do filho, proporcionando e controlando, assim, o ritmo da vivência de satisfação.

“Esse espaço varia bastante de acordo com as experiências de vida do bebê em relação à mãe, ou à figura materna, em contraste com: a) o mundo interno (que se relaciona com a parceria psicossomática) e b) com a realidade concreta, ou externa (que tem suas próprias dimensões e pode ser avaliada objetivamente, e que permanece constante, embora pareça variar segundo o estado do indivíduo que a observa)”. (WINNICOTT: 1975/2019, 74)

De início, o bebê deve acreditar que ele é quem manipula o ritmo dessa prática: "neste estágio inicial, o ambiente favorável está dando ao lactente a experiência da onipotência; com isso quero dizer mais do que controle mágico, e quero incluir no termo o aspecto criativo da experiência" (Winnicott, 1983, p. 164). A "criatividade primária", proposta por Winnicott, parte da constatação de que

"... o lactente cria o que de fato está ao seu redor esperando para ser encontrado. E também aí o objeto é criado, e não encontrado [...] Um objeto bom não é bom para o lactente a menos que seja criado por este" (WINNICOTT: 1983, 165).

Portanto, de acordo com a teoria winnicottiana, no avanço do amadurecimento o bebê é capaz de criar a ideia de que existiria algo que atenderia à crescente necessidade que se origina no interior do aparelho psíquico. Dessa forma, com base na teoria kleniana, a "mãe suficientemente boa" dá o seio e sua adaptação às necessidades do bebê permite a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar: "A mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato" (Winnicott: 1975/2019, p. 26).

Para Winnicott, (1975/2019: p. 88) "é fundamental destacar que o brincar é uma experiência sempre criativa, no continuum espaço-tempo, uma forma básica de viver" e que é no brincar, e talvez apenas nisso, que a criança, e depois o adulto, consegue ser criativo e utilizar toda a sua personalidade, e somente sendo assim o indivíduo pode descobrir a si mesmo, seu próprio self. Na busca por esse encontro de si mesmo, o autor ainda afirma que:

"[...] a pessoa interessada pode ter produzido algo de valor em termos artísticos. Entretanto, um artista bem-sucedido pode ser universalmente aclamado e ainda assim, não ter encontrado o *self* que procurava. O *self* não pode ser encontrado naquilo que se cria a partir dos produtos do corpo ou da mente, por mais relevantes que esses constructos possam ser do ponto de vista estético, técnico ou do impacto que causam. Se o artista está procurando o *self* (independente do meio), pode-se dizer que ele já falhou em algum grau no campo do viver criativo. A criação finalizada jamais resolve a fala subjacente do sentimento de *self*". (WINNICOTT: 1975/2019, 93)

Por fim, é possível compreender que, no âmbito da psicanálise, a ideia geral de criatividade não pode ser confundida com a criação bem-sucedida ou aclamada, mas sim, compreendendo-a simplesmente como uma coloração das atitudes em relação à realidade externa. Ou seja, mais do que qualquer outra coisa, é a apreciação criativa que faz o indivíduo sentir que vale a pena viver, em contraste com um relacionamento de submissão, que, em consonância com Winnicott "traz ao indivíduo um sentimento de futilidade associado à ideia de que [...] na maior parte do tempo, vive de maneira não criativa, como se estivessem presos na criatividade de outra pessoa ou de uma máquina". (Winnicott: 1975/2019, p. 108)

4. Criação na educação musical

Com esse modelo, apresenta-se uma importante alteração no modo de compreender a relação entre a criança e a apreciação criativa, principalmente na educação musical. Qualquer ponto da criação, inicialmente, pode conduzir a qualquer outro, mas de maneira singular é possível identificar na tese de Winnicott respostas e compreensões para o fazer musical criativo, mormente, no que se refere às crianças.

A antropóloga e educadora musical Marisa Trench Fonterrada (2008: p. 25), nos alerta para a “ideia de que o valor da música e da educação musical sofrem modificações a cada período histórico”, e assim, se mobiliza a necessidade de refazer o percurso do pensamento em diferentes épocas em busca de transformações, e é disso que se propõe o presente artigo. A música é uma parte necessária e não periférica da cultura humana, merecendo ocupar um lugar proeminente no sistema educacional. Em face disso, é necessário reconhecer a relevância das artes – particularmente da música - no processo criativo, constituindo a especificidade da formação do ser, compreendendo a sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades que se manifestam como formas de expressão.

Como foi possível constatar nos estudos psicanalíticos de Winnicott, existe uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado e, em seguida, para as experiências culturais (Winnicott: 1975/2019, p. 89).

“O brincar é inerentemente excitante e precário. Essa característica não deriva do despertar do instinto, mas da precariedade que pertence ao interjogo, na mente da criança, entre aquilo que é subjetivo (a quase alucinação) e o que é objetivamente percebido (a realidade concreta ou compartilhada)”.
(WINNICOTT: 1975/2019, 90)

Assim, pode-se dizer que a proposição teórica do brincar, descrita pelo psicanalista inglês, sempre é uma experiência criativa que contém tudo e, portanto, sua articulação com o ensino musical e particularmente, com o desenvolvimento de competências e habilidades criativas que envolvem práticas diversas de composição/criação e que expressam ideias musicais de maneira individual, coletiva e colaborativa. Experimenta-se assim, a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, e ainda, ressignifica os espaços da escola e de fora dela no âmbito da música.

Dessa forma, quando os sujeitos criam, produzem e constroem, salientam uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisões, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações. (BRASIL, 2017)

5. Considerações finais

Os estudos relacionados à criatividade, a partir das experiências psicanalíticas de Winnicott com crianças, nos possibilita algumas reflexões e questionamentos. O conjunto de ideias reunidas nesse artigo podem funcionar como uma possível correspondência para o ensino de música. Primeiramente, a reflexão se inicia com a análise e desenvolvimento do que Winnicott reconheceu e nomeou como “objetos e fenômenos transicionais”, de grande valor emocional e que a criança reivindica como algo que necessita para dormir, sair de casa, viajar, etc., como um ursinho de pelúcia ou uma mantinha de dormir surrada. Além disso, descrevemos fenômenos, como a ilusão, em forma de projeção de imagem, em que o bebê projeta o seio materno ainda primeira infância, e que origina o pensamento simbólico, a natureza do brincar e, posteriormente, o gesto criativo. O simbolismo, o brincar e a criatividade são aspectos e conceitos fundamentais na educação musical.

Nesse ponto, Winnicott propõe a existência de um estágio do desenvolvimento dos seres humanos que é anterior à objetividade e à perceptibilidade. Pode-se dizer, de acordo como psicanalista (Winnicott: 1975/2019, p. 239), que o bebê, na mais tenra idade, já “vive em mundo subjetivo, ou conceitual” e “que a passagem do estado primário a um estado no qual a percepção objetiva é possível não é apenas uma questão de um processo de crescimento inerente ou hereditário”. Esse aparato conceitual e suporte teórico, desenvolvidos por Winnicott, fornece uma rica possibilidade de material de estudo e investigação da criatividade infantil, abrindo caminho para uma nova perspectiva de compreensão dos fundamentos da natureza humana do ponto de vista da psicanálise nos processos de ensino e aprendizado da música.

A partir do contato com a obra de Winnicott, percebe-se que a experiência cultural começa com o brincar e conduz a tudo aquilo que compõe a herança humana, das artes aos mitos históricos, passando pela progressão do pensamento filosófico e pelas instituições sociais. Com base nessas postulações, as ponderações sobre essa temática se alargam, revelando uma potência criativa das crianças, para além da composição musical, movimentando-a para a exploração de práticas lúdicas diversas, como esconde-esconde musical, pequenos maestros, batata quente, limbo, balé dos lenços e estátuas, incluindo a natureza desses jogos e brincadeiras no desenvolvimento de saberes musicais. A ampliação dessa forma de olhar, contribuiu fortemente para meu planejamento e construção de aulas de música para crianças, sobretudo no que se refere a evolução de habilidades e competências que envolvam a criação musical, conforme definido no conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais orientados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), citada a relevância desse no início desse artigo. Nesse sentido, o brincar, localizado entre a realidade interna e a realidade externa, assim como outros fenômenos transicionais, vem se tornando o centro das minhas atividades musicais como base para qualquer experiência em que o indivíduo possa ser criativo.

Por fim, compreende-se que o contato com o pensamento winnicottiano, sugere possibilidades para construção de conhecimentos relacionados aos processos de ensino e aprendizagem de crianças na contemporaneidade, provocando novas formas de pensar sobre a criatividade, inerentes aos processos artísticos e formativos na educação musical, promovendo diálogos com distintos contextos institucionais e sociais, pertinentes ao ensino de música para crianças. Além disso, essas reflexões podem contribuir para a atuação de professores, professoras, outros profissionais envolvidos com o ensino e aprendizagem da música nas escolas e para o avanço das reflexões teóricas sobre a área.

Fez parte dessa pesquisa também o esclarecimento acerca de possíveis propostas pedagógicas a serem adotadas nesse cenário, que considerem a importância do brincar e o universo lúdico da criança. A partir de algumas obras de Winnicott, verificou-se que o ato do brincar possibilita o desenvolvimento da criação, o que pode ser aplicado na educação musical, pois é na brincadeira que a criança constitui uma das formas de relacionamento com o mundo, o que inclui a música ou qualquer outra manifestação artística. Por isso, o investimento em ações que possam contribuir para o aperfeiçoamento da criatividade musical, deve evidenciar a comunicação da criança consigo mesma e com o mundo, construindo o potencial criativo a partir de jogos, brincadeiras e brinquedos que podem proporcionar ainda mais a socialização infantil.

Referências

- Brasil. (2017). Base Nacional Comum Curricular. Brasília, MEC; Consed; Undime. https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf
- Fonterrada, M. T. de O. (2005). *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. Editora Unesp.
- Klein, M. (1955/1991). A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. In M. Klein, *Inveja e gratidão*. Editora Imago.
- Winnicott, D. W. (1975/2019). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *O brincar e a realidade*. Editora Imago.
- Winnicott, D. W. (1965/1983). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In *O ambiente e os processos de maturação*. Editora Artes Médicas.